

Coluna do Castello

Como sobreviver à entressafra eleitoral

Em São Paulo como no Rio e, pelos depoimentos dos que vêm das demais cidades—referência do país, por toda parte é uniforme a ascensão da candidatura de Fernando Collor de Mello a presidente da República, embora não seja segura a avaliação da durabilidade dessa inclinação da opinião pública. Muitos gostariam de que a volubilidade do eleitorado o levasse ainda para outros rumos, mas ninguém tem certeza de que tal coisa possa acontecer. A campanha entra, de junho a setembro, num período difícil, quando os candidatos, praticamente eliminadas as questões políticas, que hoje afetam praticamente apenas o PT e o PTB, devem encontrar terreno consistente para reter o apoio das forças políticas que deram a largada ao seu lado.



O problema é geral e afeta o próprio Collor, que se prepara para passar uma ou duas semanas fora do país a fim de respirar e fazer uma pausa na marcha sob pressão que vem empreendendo. Não deixará, no entanto, a cena vazia e gravou intervenções na televisão em programas populares para alimentar o calor da sua torcida. Parece engano, aliás, atribuir às três aparições mais recentes em horários de partidos políticos o crescimento dessa candidatura. O ex-governador de Alagoas já vinha crescendo antes, e a mídia, embora ajude, não tem sido até aqui o fator dominante da evolução das tendências eleitorais.

Leonel Brizola também fugirá ao sufoco indo a Paris ao encontro do presidente Mitterrand e com participação prevista em reuniões estimulantes na área da Internacional Socialista. A marcha da sua candidatura aparentemente está estabilizada, com alguns sintomas de regressão, sob o impacto do movimento pró-Collor. O candidato Mário Covas discute com sua equipe os problemas da paralisia da sua campanha, tentando mudar os dados da situação ou identificar as razões desse inesperado bloqueio. Aureliano Chaves foi buscar alento e esperança numa conversa com Jânio Quadros, cuja destinação política mantém-se no mesmo nível anterior de imprevisibilidade.

O candidato do PMDB, aparentemente imobilizado, tenta despertar apoios internos que se mantêm adormecidos no partido, como os dos governadores Tasso Jereissatti e Álvaro Dias, ao mesmo tempo em que programa ação parlamentar para induzir o Congresso a votar leis complementares e a cumprir seus deveres institucionais que vêm sendo negligenciados. Sem ser presidente da Câmara e embora tendo em tese a colaboração da bancada do seu partido, não é provável que Ulysses supra a ausência de comando político das casas legislativas. Não só a mobilização para esforço concentrado vai se tornando mais difícil como há notória ausência de pontos doutrinários e políticos de confluência da maioria de deputados e senadores. A dispersão de opiniões, de tendências e de interesses de senadores e deputados tende a manter o Congresso inativo, apesar do esforço que Ulysses poderia realizar como presidente de uma das casas mas que já não pode cumprir com êxito apenas como candidato de um partido que sequer se uniu para disputar a Presidência da República.

A situação nessa entressafra não é fácil. Lula ainda se distrai com a questão-cula dos seus pretendentes a candidatura vice-presidencial, e Brizola terá por alguns dias a esperança de atrair um PTB, cujo comando nacional insiste em impedir a junção das forças trabalhistas. Julho e agosto serão um período difícil de preencher, como já se está fazendo a partir de junho.

Brizola corrige César Maia

Leonel Brizola não está satisfeito com o que disse o deputado César Maia, segundo jornais paulistas. Assegura o candidato do PDT que, ao contrário do que disse o deputado carioca, jamais convidou Fernando Collor de Mello a ingressar no PDT. Também não autorizou Maia a convidá-lo. Diz ele que isso é *histrionismo* de Maia e pretende ouvi-lo a respeito para corrigi-lo.

O ex-governador do Rio recebeu a visita do deputado Roberto Freire, candidato do Partido Comunista, e com ele trocou informações e impressões a respeito da situação da Argentina e das suas repercussões no Brasil. Ambos acham que deveriam se encontrar candidatos presidenciais, presidentes dos partidos e líderes do Congresso para traçarem um projeto de ação comum, tendo em vista a hipótese de se dramatizar a situação brasileira ao longo do processo sucessório.

Carlos Castello Branco